

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Félix Nathanael dos Santos Ferraz

**UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Taubaté – SP
2019

Félix Nathanael dos Santos Ferraz

**UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Graduação apresentado ao Departamento
de Pedagogia da Universidade de Taubaté como
requisito parcial para obtenção da graduação em
Licenciatura em Pedagogia
Área de Concentração: Pedagogia
Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil

**Taubaté – SP
2019**

SIBi - Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU

F381e Ferraz, Félix Nathanael dos Santos
Um estudo sobre a atuação do professor na educação infantil/
Félix Nathanael dos Santos Ferraz. -- 2019.
54 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Pedagogia.
Orientação: Prof. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil,
Departamento de Pedagogia.

1. Educação infantil. 2. Professor do sexo masculino.
3. Feminização do ensino. 4. Masculinização do ensino.
I. Título

CDD – 372.21

FÉLIX NATHANAEL DOS SANTOS FERRAZ

UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Graduação apresentado ao Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté como requisito parcial para obtenção da graduação de Licenciatura em Pedagogia

Área de Concentração: Pedagogia

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Rezende

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Profa. Dra. Odila Amélia Veiga França

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por me dar força e perseverança de não desistir nos momentos mais difíceis, me amparando e me dando a oportunidade de conseguir concluir.

A minha família pelo apoio e estímulo, em momentos de dificuldades, todos os conselhos e forças que me deram para conclusão do curso, aos meus pais que sempre foram exemplo de vida para mim.

Os meus amigos, especialmente a Tamara Souza, que sempre esteve ao meu lado, me ajudou em todos os momentos, a parceria e confiança, lutas que passamos, sou muito grato por ter conhecido ao longo do curso, pessoas tão especiais, pois cada uma me ensinou a ser quem eu sou hoje, agradeço por todos os momentos juntos.

A minha orientadora, Professora Ana Calil, pela atenção, compromisso e dedicação com a minha pesquisa, me dando total suporte na realização deste trabalho, exemplo de profissional a quem tenho muita admiração.

Aos professores da UNITAU, que além de me formar, me ensinaram a ter um olhar crítico, sempre muito acolhedores e dispostos a ajudar.

As funcionárias da biblioteca, em especial a bibliotecária Luciene, que sempre me aconselhou, me ensinou muitas coisas, me orientou, e me ajudou em todo meu processo na universidade.

A Professora Aline Sabino uma amiga, que antes de entrar no curso de pedagogia, me ajudou na escolha de curso, nas orientações e conselhos, só tenho a agradecer.

RESUMO

A partir de observações e experiências com o estágio supervisionado e com os projetos de extensão, ao longo do curso de Pedagogia na Universidade de Taubaté (UNITAU), foi possível perceber a tímida presença masculina na Educação Infantil. Questionou-se sobre a ausência de professores do sexo masculino na etapa da Educação Infantil a fim de dar luz à discussão sobre a pouca presença masculina na educação de crianças de 0 a 5 anos, aos possíveis estigmas provocados pelo olhar da comunidade, uma vez que a escola vem sendo um espaço que reafirma a feminização do ensino, principalmente, nessa etapa da educação básica, por reforçar e atribuir exclusivamente à mulher o papel de educar e cuidar. Desta forma é importante perguntar sobre o porquê do ingresso do homem nessa etapa do ensino. Propôs-se uma pesquisa de abordagem qualitativa que entrevistou três professores do sexo masculino a fim de discutir e analisar as condições do ingresso do docente no ambiente escolar da Educação Infantil e chamar a atenção para a busca por um novo olhar sobre esses profissionais que estão à espera de oportunidades para conquistar seu espaço no mercado de trabalho. Os resultados revelaram que ainda há certo preconceito, que o professor terá que desenvolver e provar as habilidades e competências do sexo masculino no cuidado e educação de crianças de 0 a 5 anos e, que alguns profissionais acabam abandonando a sala de aula e migrando para a gestão escolar. Os que persistem, tentam conquistar seu espaço enfrentando as barreiras e os estereótipos que os cercam.

Palavras-chave: Professor do sexo masculino. Educação Infantil. Feminização do ensino. Masculinização do ensino.

ABSTRACT

From observations and experiences with the supervised internship and extension projects, during the course of Pedagogy at the University of Taubaté (UNITAU), it was possible to perceive the shy male presence in early childhood education. It was questioned about the absence of male teachers in the kindergarten stage in order to shed light on the discussion of the low presence of men in the education of children from 0 to 5 years old, the possible stigmas caused by the community's gaze, since The school has been a space that reaffirms the feminization of teaching, especially at this stage of basic education, by reinforcing and attributing exclusively to women the role of educating and caring. Thus it is important to ask why the entrance of man in this stage of teaching. It was proposed a qualitative approach research that interviewed three male teachers in order to discuss and analyze the conditions of the teacher's entrance in the preschool environment and draw attention to the search for a new look on these professionals who are waiting for opportunities to win their place in the job market. The results revealed that there is still some prejudice, that the teacher will have to develop and prove the male skills and competences in the care and education of children from 0 to 5 years old, and that some professionals end up leaving the classroom and migrating to the management. Those who persist try to conquer their space by confronting the barriers and stereotypes that surround them.

Keywords: Male teacher. Early Childhood Education. Feminization of teaching. Masculinization of education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantidade de artigos, dissertações, monografias e livros por descritor	22
Quadro 2 - A presença masculina no magistério	23
Quadro 3 - Homem na educação infantil	26
Quadro 4 - Pedagogia de gênero	27
Quadro 5 - Discriminação ao ver um homem na educação infantil	30
Quadro 6 - Os homens podem ensinar crianças?	32
Quadro 7 - Caracterização dos participantes	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Justificativa	9
1.2 Objetivos	10
1.2.1 Objetivo Geral	11
1.2.2 Objetivos Específicos	11
1.3 Organização do trabalho	11
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	12
2.1 Roteiro de entrevista	14
3 POR QUE OS PROFESSORES DO SEXO MASCULINO SAÍRAM DO MAGISTÉRIO?	15
3.1 Breve histórico: os primeiros professores no Brasil	15
3.2 Feminização do magistério: um passo para mercado de trabalho	19
3.3 Revisão de literatura: o que se tem pesquisado sobre tema	25
4 HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ROMPENDO PARADGMAS	37
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	42
5.1 Caracterização dos participantes	42
5.2 A presença masculina na Educação Infantil municipal	43
5.3 Homens que educam: desafios do nosso tempo	43
5.3.1 Desafios no dia a dia	43
5.3.2 Escola e família	44
5.3.3 A importância da figura masculina na Educação Infantil	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a Educação Infantil configurou-se como um espaço predominantemente ocupado por mulheres do qual a figura masculina foi excluída, por atribuir-se às mulheres o papel de educar e cuidar das crianças, sobretudo, das mais novas. Percebemos que o desinteresse na maioria dos homens e o olhar voltado para serviços braçais, fez com que eles se distanciassem do cuidado com as crianças pequenas; reforçando ainda mais na mulher o estigma do “dom de cuidar”. Tais fatores trouxeram implicações para a atuação do professor do sexo masculino, acreditando que as mulheres eram direcionadas como cuidadoras natas, associando-as ao papel de mãe, pois, uma vez que poderiam gerar uma criança também teriam como capacidade ou habilidade ensiná-la. Com isso, muitos viam que “ser educadora é algo destinado às mulheres”, como explicitado por Arce.

[...] a educação de crianças menores de seis anos sempre esteve relegada a um segundo plano, sua proximidade com o doméstico, o privado a tornou algo que não necessita de muita estrutura e nem de profissionais para sua realização. Afinal a mãe “educadora nata”, educa e cuida de seus filhos mesmo nas piores condições possíveis e não precisa aprender a fazê-lo é algo natural a ela, “natural” ao gênero feminino (ARCE, 1997, p. 115 apud BERNARDIM; LIRA, 2015, p. 85).

A história construiu mitos, e ao estipular que a mulher delicada tem o dom de cuidar e ao homem lhe resta o poder da força bruta sem sentimentos, o perfil ideal para o trabalho braçal e não para professor, ou pelo menos, não para professor de crianças pequenas.

Isso explicaria a baixa participação de homens na Educação Infantil acentuando historicamente, a separação entre homem e mulher no trabalho e na vida social. A educação de crianças pequenas é associada ao âmbito do trabalho doméstico, de forma que as mulheres representam a esfera reprodutiva e os homens a produtiva, assim explicam as autoras Monteiro e Altman (2014) no texto intitulado “Homens na educação infantil: olhares suspeitos e tentativas de segregação”, sobre a “desnaturalização” da divisão sexual e dos papéis associados ao gênero.

Um dos motivos do distanciamento do homem na educação foi a má remuneração. Historicamente o homem não teve interesse em ser professor por questões salariais, o homem era visto como chefe da casa e, portanto, deveria ganhar mais, para manter as despesas da casa e a mulher se assumiria como cuidadora e zeladora da família. Essa visão naturalista acontece até hoje, pois ainda permanece uma divisão de gênero no mercado de trabalho e discriminação.

Este estudo discute a presença dos docentes masculinos na Educação Infantil, seu retorno ao âmbito escolar, o olhar da família sobre ele, o olhar da escola e da sociedade frente a esse retorno. Acredita-se que discutir tais assuntos poderá contribuir para minimizar os preconceitos, permitindo que os professores do sexo masculino se sintam mais atraídos pelo trabalho educacional com crianças pequenas, sem que se experimentem intimidados com as dificuldades e venham a enfrentar-as com mais apoio da comunidade escolar.

1.1 Justificativa

O interesse em debater a presença do professor do sexo masculino na Educação Infantil, foi despertado enquanto realizava o Estágio Curricular Supervisionado e no próprio curso de Pedagogia, ao deparar-me com a ausência do professor na Educação Infantil. Este assunto atraiu o pesquisador e trouxe à tona questões sobre a discriminação e a desvalorização do profissional do sexo masculino na Educação Infantil e a levantar questões para a reflexão, sobre, como por exemplo: conseguir trabalhar sem o enfrentamento de desconfianças ou preconceitos. Dar voz aos professores do sexo masculino com novas concepções e novos olhares sem serem discriminados e nem desvalorizados pela crença já estabelecida de que não possuem perfil para essa etapa da escolaridade.

O Estágio Supervisionado, disciplina obrigatória, do curso de Pedagogia da Universidade de Taubaté (UNITAU), foi cumprido em uma escola, onde não havia professores do sexo masculino na Educação Infantil. Nos primeiros dias de estágio, tivemos muito receio, de como seríamos recebido numa escola onde a equipe não estavam acostumados a trabalhar com homens. Como seria o olhar da comunidade

escolar sobre mim? Sofreria discriminação e desvalorização profissional? Como ia ser recebido pela escola, família e pelas próprias crianças?

Logo no primeiro momento, a escola e as crianças nos receberam muito bem, dando oportunidade de conhecer nosso trabalho, mas ao ter contato com os pais, vivemos um sentimento de rejeição e exclusão por não estarem acostumados a ver homens atuando com as crianças pequenas. Isso me fez questionar e querer investigar as minhas dúvidas.

Procurar conhecer e observar, fazer uma reflexão sobre a ausência e preconceitos sobre professores do sexo masculino na educação e, principalmente, na Educação Infantil, rompendo com os estigmas sedimentados pela sociedade. Dessa forma, me propus a discutir o papel dos homens professores, dando-lhes voz no sentido de contribuir com a desmistificação de que os homens não são capazes de ensinar, cuidar e educar crianças pequenas sem sofrerem a desconfiança. Pensando também que está pesquisa possibilite reflexões que possam contribuir com o avanço da presença dos professores do sexo masculino na Educação Infantil.

Algumas perguntas dispararam os questionamentos, tais como:

Como deve ser o seu cotidiano?

Como o homem é observado no ambiente escolar em seu trabalho com crianças?

Assim, o problema desta pesquisa tornou-se a indagação: Como os professores homens que atuam na Educação Infantil percebem sua relação com a comunidade escolar? Possibilitando aos professores que expressem seus anseios, sentimentos, conquistas e relações interpessoais na escola.

Temos a hipótese de que os professores sofrem preconceito por trabalharem na etapa da Educação Infantil, mas que poderá ou não ser confirmada com os dados que serão coletados.

1.2 Objetivos

Os objetivos são apresentados a seguir divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo da pesquisa é analisar o ingresso do homem na Educação Infantil, revelando o porquê da escolha do curso, bem como, a posição dos docentes masculinos frente às relações interpessoais na escola e na comunidade escolar.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Mapear quantos professores do sexo masculino estão trabalhando na Educação Infantil atualmente, na rede particular e na rede municipal de ensino de uma cidade de pequeno porte do interior paulista;

- Analisar como se dão as relações entre os professores do sexo masculino com as famílias, os demais profissionais da escola e os alunos, sob o ponto de vista do professor;

- Analisar se há desafios postos aos professores homens e, se houver como são enfrentados os desafios, na sala de aula, na escola (colegas de trabalho) e na sociedade.

1.3 Organização do trabalho

A primeira seção traz a introdução, os objetivos e os problemas da pesquisa. A segunda seção contempla a metodologia da pesquisa. A fundamentação teórica é tratada na terceira seção deste trabalho. A quarta seção aborda o homem na educação infantil e na quinta seção os resultados esperados.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Segundo Matias-Pereira (2012, p. 32) a metodologia é o conjunto dos métodos que cada ciência particular põe em ação. É a colaboração entre demonstração lógica e experimentação, a interação entre ciência pura e tecnologia,

é uma característica do espírito científico contemporâneo. Nesse estudo, a metodologia empregada nesta pesquisa, é do tipo bibliográfico e exploratório.

A pesquisa bibliográfica consiste de acordo com o autor (2012, p. 86), em uma abordagem para conhecer as contribuições científicas sobre determinados assuntos, tendo por objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas, já existentes sobre determinados assuntos. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica está embasada em leituras e estudos publicados em artigos científicos e obras, cujo recorte diz respeito ao professor do sexo masculino na Educação Infantil correspondendo entre os anos 2010 a 2019.

Conforme Andrade (2009, p. 114) a pesquisa exploratória, proporciona maiores informações sobre determinado assunto, facilitar a delimitação de um tema de trabalho, definir os objetivos ou reformular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para trabalho que se tem em mente. Através da pesquisa exploratória avalia-se a possibilidade de desenvolver uma boa pesquisa sobre determinado assunto.

Quanto aos estudos e leituras dos textos, selecionamos os referenciais teóricos mais relevantes da pesquisa, por ser tratar de um assunto ligado à história da educação brasileira, acreditou-se que a investigação pode oferecer melhores resultados em função ao uso da revisão de literatura.

Com base no autor Matias-Pereira (2012), na revisão de literatura o pesquisador deve ter como propósito, evidenciar por meio da compilação crítica e retrospectiva de várias publicações o nível de desenvolvimento do tema da pesquisa e/ou permitir estabelecer um referencial teórico para dar apoio ao desenvolvimento da pesquisa, tendo o enfoque recebido pelo tema na literatura publicada.

Em relação ao método e a forma de abordar o problema, utilizaremos a abordagem de pesquisa qualitativa que, de acordo com Zanella (2013):

O método qualitativo não emprega a teoria estatística para medir ou enumerar os fatos estudados. Preocupa-se em conhecer a realidade segundo as perspectivas dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para coleta de dados (ZANELLA, 2013, p. 102).

Ainda de acordo com a autora, a maioria dos pesquisadores qualitativos parte de questões ou focos de interesses mais amplos, que vão se tornando mais específicos à medida que decorre a investigação.

Desta maneira, a pesquisa de campo, é o denominador da coleta de dados, é onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador sobre eles.

Para Marconi (1990) apud Andradre (2009):

A pesquisa de campo é aquela utilizada como objeto de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar ou, ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI, 1990, p. 75 apud ANDRADE, 2009, p. 117).

É na pesquisa de campo, que observamos e adquirimos novos conhecimentos sobre o objeto de estudo, é “em campo” que autor menciona onde acontece a troca de informação entre pesquisador e entrevistado, para Matias-Pereira (2012) a coleta de dados exige técnicas que serão empregadas, o momento em que o pesquisador precisa definir quais técnicas serão utilizadas durante a entrevista.

A entrevista é entendida para Matias-Pereira (2012), como uma técnica de conversação direta, conduzida por uma das partes, de forma metódica, com vista em compreender uma situação o que exige ao pesquisador uma ideia clara da informação que está buscando. Para Zanella (2013), existem formas diferentes de organizar a entrevista, sendo ela estruturada, não estruturada ou semiestruturada.

Para trazer com mais clareza este assunto, utilizaremos a entrevista semiestruturada, onde deixaremos o entrevistado mais à vontade para responder ao roteiro, e através da conversa, podemos ir além das perguntas formuladas, a entrevista semiestruturada, deixa o pesquisador e o entrevistado, segundo o autor (p. 117) “[...] a vontade, obtendo uma conversa formal, o pesquisador tendo um roteiro a seguir, mas sem sequências rígidas de perguntas. A conversa segue conforme os depoimentos dos entrevistados, sem obedecer ao roteiro”.

A pesquisa é contemplada pelos dados obtidos na entrevista, alicerçadas pelo uso de um roteiro previamente elaborado, assegurando adequação dos objetivos pretendidos e pelo cumprimento do Comitê de Ética em Pesquisa desta Universidade.

Desse modo, foram realizadas entrevistas com professores de duas diferentes escolas, localizadas no município de Aparecida, no interior de São Paulo. Essas escolas foram escolhidas justamente por apresentarem em seu quadro docente professores do sexo masculino, sendo um participante pertence ao quadro da escola particular e os outros dois da rede pública municipal que trabalham na Educação Infantil com crianças de 0 a 5 anos de idade.

A pesquisa de campo decorreu no segundo semestre de 2019, no município de Aparecida; os três professores entrevistados são residentes do município, sendo dois em atuação em sala de aula e um como apoio de uma professora.

A proposta da pesquisa teve autorização prévia dos entrevistados, em concordância em responder o roteiro de entrevista, e as dúvidas a serem esclarecidas.

2.1 Roteiro da entrevista

- 1) Conte-me, por favor, como é a sua rotina de sala de aula.
- 2) Como e quando você ingressou na etapa da Educação Infantil?
- 3) O que lhe atrai nessa etapa da escolarização?
- 4) Quais são os desafios que você encontra?
- 5) Como você os enfrenta?

Para a coleta de dados foram utilizados recursos como roteiro online para responder, enviados pelo WhatsApp, áudios que posteriormente foram gravados para registrar as falas dos entrevistados. A coleta foi realizada no prazo de uma semana aproximadamente, pois não poderia ser realizada no local e no horário de trabalho dos participantes.

Nesse processo, os entrevistados mandavam as respostas por e-mail, mensagens ou áudios, quando o pesquisador tinha dúvidas, procurava pelo participante que as respondia por mensagens por celulares. Uma das grandes dificuldades para a entrevista foi não poder entrevistar pessoalmente, devido ser realizada a entrevista no horário de trabalho, pesquisador e os sujeitos entrevistados não conseguiam tempo devido à rotina semanal nas escolas. Assim entramos em acordo para realizar um roteiro online, a fim de facilitar para ambas as partes o desenvolvimento da pesquisa.

3 POR QUE OS PROFESSORES DO SEXO MASCULINO SAÍRAM DO MAGISTÉRIO?

Nessa seção são apresentados dados históricos sobre a presença masculina na escola no início da história da educação no Brasil e sobre o processo de feminização do ensino, que de certa forma, caracteriza o êxodo dos homens para outras dentre as primeiras etapas da escolarização.

3.1 Breve histórico: os primeiros professores no Brasil

Após a chegada dos portugueses ao Brasil, no século XVI, os primeiros professores eram do sexo masculino, jesuítas, servos da igreja católica que vinham de fora com o apoio do Governador-Geral Tomé de Souza. Eram homens que ocupavam a tarefa de ensinar os filhos de famílias da elite, como apresenta Ferreira:

[...] a educação no Brasil Colônia teve uma grande influência dos jesuítas, além de possuir um caráter extremamente masculino: os alunos eram em sua quase totalidade do sexo masculino (filhos dos colonos que formavam a elite brasileira e índios aldeados); [...]os professores eram homens missionários formados na concepção e filosofia jesuítica; e o pensamento escolástico ditava os rumos da educação (FERREIRA, 2017, p. 25-26).

No início escolarização foi marcadamente masculina, tanto por serem professores, os jesuítas, quanto por terem como alunos os meninos da elite. Predominava nas escolas o *ratio studiorum*, currículo dos missionários jesuítas permeado pelo pensamento escolástico da Companhia de Jesus. Louro (1997) corrobora essa ideia ao apontar que:

O mestre – e o jesuíta é seu exemplo mais perfeito – é cuidadosamente preparado para exercer seu ofício. Ele se torna um ‘especialista da infância’, ele domina os conhecimentos e as técnicas de ensino, as armas para a conquista das almas infantis e para a sua vigilância, ele sabe graduar seus ensinamentos, estimular a vontade, treinar o caráter e corrigir com brandura – ele é o responsável imediato e mais visível da formação dos indivíduos (LOURO, 1997, p. 92).

Apesar de ser tida como boa educação para a época dos primórdios educacionais brasileiros era uma educação de cunho excludente, acontecia de homem para homem, as mulheres não tinham oportunidade de frequentar a escola, sendo fadadas à vida doméstica e aos cuidados do lar.

Durante dois séculos, a Igreja Católica teve poder sobre a educação brasileira, sendo que a principal missão dos jesuítas era a propagação do sistema educacional, para obter o domínio religioso. Assim Ferreira destaca:

Em 1759, Marquês de Pombal, expulsou a companhia de Jesus do Brasil, a partir de então, a educação passa a ser responsabilidade do governo português, que possibilitou o acesso das mulheres, a educação se manteve estabilizada, não teve grandes avanços e nem retrocessos. Antes da expulsão dos jesuítas, Pombal já havia criado as aulas régias, onde os homens professores, nomeados pelo governo, exerciam a licenciatura em algumas escolas com o intuito de socializar o ensino. Com o fim da era jesuítica inicia-se a nova era pombalina influenciada pelo enciclopedismo (FERREIRA, 2017, p. 26).

Nesse cenário, as reformas pombalinas não trouxeram avanços na educação feminina, tal como aponta Freire:

As primeiras formas de educação laica para as mulheres chegaram ao Brasil com a vinda da Corte portuguesa no início do século XIX quando algumas senhoras francesas e portuguesas passaram a ministrar ensinamentos de costura, bordado, religião, bem como conhecimentos elementares da língua portuguesa e de aritmética em suas próprias residências, denominadas de colégios, onde as moças eram recebidas como pensionistas (FREIRE, 2011, p. 243).

Percebe-se que continua o hiato na educação da mulher, que somente irá acontecer após a chegada da família real ao Brasil, em 1808, ainda assim, com conhecimentos elementares cuidados por mulheres da sociedade, o que reforça o direito à educação aos homens e a presença masculina na docência, desde o início da história da educação no Brasil.

Logo após a Independência do Brasil a educação brasileira ganhou caráter público, gratuito e popular, inclusive para as mulheres, como cita Freire (2011, p. 244) “a escola terá, então que se preparar para receber outros segmentos da sociedade, entre eles, a mulher”. Somente com a Lei de 15 de outubro de 1827 é que se pode perceber as primeiras mudanças educacionais a favor das mulheres. A partir dessa lei foram incluídas as primeiras classes femininas (ARANHA, 1996 apud FERREIRA, 2017, p. 26), É nesse momento que Estado começa a pensar numa educação para todos, com igualdade e possibilitando as mulheres adentrar nas escolas.

Acrescenta Almeida (1995) ressaltando que:

Pela Lei nº 5, de 16 de fevereiro de 1847, foi criada uma escola normal feminina no Seminário das Educandas, conhecido na época por Seminário do Acu. Nos mesmos moldes da escola masculina,

funcionava com curso de dois anos e possuía um programa restrito no qual se incluíam Gramática Portuguesa, Aritmética, Doutrina Cristã, Francês e Música. Em 1851, um decreto mandou prover as cadeiras públicas do sexo feminino com educandas maiores de 25 anos que revelassem aptidão para o magistério. A escola durou menos de dez anos, tendo sido suprimidas pela Lei nº 31, de 7 de maio de 1856. Em 1874, a Lei nº 9, de 22 de março, criou novamente a escola normal. O currículo continuava restrito e fragmentado. Dava-se ênfase ao ensino da língua francesa, a Igreja defendia e conseguia a obrigatoriedade do ensino religioso e os ensinamentos básicos se impunham em detrimento dos pedagógicos (ALMEIDA, 1995, p. 668).

Com muitas críticas do Estado, a Igreja Católica passou a reformular o currículo, pois as demandas da Igreja não tinham relação com as necessidades do país, as disciplinas exigidas da Escola Normal eram de doutrinas religiosas, e não cabia no âmbito de um país que acabou de passar pela independência, na busca dos direitos iguais. O currículo não coincidia com as necessidades das escolas e tão pouco com as práticas pedagógicas.

Um momento histórico que o Estado começa a dar oportunidade para as mulheres nas escolas, “a escola brasileira iniciava sua organização com a separação por sexo e a educação era pensada de forma diferenciada para meninos e meninas” (FREIRE, 2011, p. 244).

Isso acarretou mudanças, garantindo o direito à educação gratuita para a população, mas mesmo assim, para as meninas era diferenciada e, em classes especiais, meninas não podiam estudar junto com meninos; o currículo escolar também era diferenciado contemplando saberes e competências diferentes. As crianças negras e índias ficaram fora das escolas, pois seria estudada pelo Estado uma forma diferente para educá-las.

Sobre isso Almeida cita que:

Num período em que o acesso das mulheres ao ensino ainda continuava extremamente precário, algumas vozes masculinas provenientes de setores intelectualizados principiaram a levantar-se em defesa de sua instrução, considerada essencial para a formação da boa esposa e da boa mãe (ALMEIDA, 1998, p. 56).

Com o apoio de alguns intelectuais da época da virada do século XIX para o XX, a educação feminina passa a ser defendida. No Brasil, começaram a ser criadas

as primeiras escolas normais, que possibilitaram o acesso da mulher ao campo educacional; mais tarde começa a se pensar em uma boa formação de professores, separando com o professor os meninos, e as meninas, com a professora, realizando estudos diferenciados “para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura” (LOURO, 1997, p. 444 apud FREIRE, 2011, p. 244).

É importante salientar que os docentes do sexo masculino tinham seus salários superiores ao das mulheres. Havia uma diferença salarial muito grande. Com a falta de professores com boa formação no ensino, começa a ingressar grande número de mulheres no magistério primário. A sociedade machista sempre rejeitou o trabalho das mulheres fora de casa, pois sua vida era designada a família.

O trabalho feminino, historicamente, tem sofrido pressões e tentativas de controle ideológico e econômico por parte do elemento masculino e das instâncias sociais, ou seja, os menores setores, em menores salários sempre foi ocupado por mulheres, “seres inferiores” destacado pela autora (ALMEIDA, 1998, p. 63).

Para a autora, as mulheres sempre foram inferiores no mercado de trabalho.

A construção ideológica do trabalho feminino, baseada nessa pretensa inferioridade, tem sido alvo de questionamentos por parte das mulheres que sempre se posicionaram contra o controle da sua autonomia profissional, apesar do atributo de passividade que constantemente lhes tem sido impingido (ALMEIDA, 1998, p. 64).

Segundo os autores ANDRADE, TAVARES e LIMA (2015) ao citarem Rosa (2001), nos mostram como a mulher era vista na sociedade:

Durante muitos anos as mulheres além de estarem em segundo plano para sociedade, aprenderam a conformar-se e não ultrapassar as fronteiras do lar, a se manterem afastadas das questões do saber intelectual e do direito de exercer trabalho remunerado. A aquisição do saber intelectual por parte da mulher não era interessante para sociedade, dada a ligação entre o conhecimento e o poder. Mulheres instruídas não seriam passivas e suas condições seriam iguais a dos homens (ROSA, 2001, p. 3 apud ANDRADE; TAVARES; LIMA, 2015, p. 23).

Os papéis em sociedade para homens e mulheres sempre foram direcionados, tendo em vista que os trabalhos eram associados e padronizados. Se um homem fazia um trabalho considerado feminino ele era discriminado pela

sociedade. A ideologia padrão era muito forte para romper as ideias da sociedade, quando homens ou mulheres teriam que ir à luta pela igualdade, sendo que esse período, a saída das mulheres dos campos domésticos, causou impacto, aprimorando um novo olhar para as mulheres.

3.2 Feminização do Magistério: um passo para mercado de trabalho

No Brasil, com incentivo dos processos de industrialização, a abolição do trabalho escravo e o surgimento de uma nova mão de obra, os assalariados, causaram repercussões que permitiram à mulher encontrar o seu espaço no mercado de trabalho (ANDRADE; TAVARES; LIMA, 2015, p. 23). O surgimento da feminização do magistério, possibilitou a oportunidade para as mulheres a chegar no mercado de trabalho. Com as mudanças no governo, passa-se a pensar em uma proposta democrática para o país, uma expansão, aberturas de novas vagas para as mulheres, e com isso menores gastos públicos, quando começam as mulheres a dar aula e a garantir seu espaço. A feminização que já se apresentava no magistério perpetuou-se pelo pouco interesse do “elemento masculino, em vista da reduzida remuneração”, além da possibilidade de “conciliar as funções domésticas da mulher tradicionalmente cultivadas e os preconceitos que bloqueavam sua profissionalização” (TANURI, 2000, p. 66 apud LEÃO, 2015, p. 51).

É evidente que com a abertura de mais vagas e o direito das mulheres no campo educacional o magistério começa a ser desvalorizado pelos homens, sobretudo, quanto ao salário, porque a mulher na docência naquela época, ganhava bem menos que os homens. A saída das mulheres do ambiente doméstico para a área educacional, fez com que a sociedade criasse uma nova imagem da mulher, olhar de cuidadora nata, com função de mãe, mulher e professora, sendo a profissional ideal para cargo de docente. Porém, a ideia da sociedade de que a função da mulher é ser mãe e cuidadora, o seu papel como professora, haveria de ser o mais cabível, pois, se ela cuidava de uma, duas ou três crianças, sabia cuidar de uma classe.

Saffiotti ressalta que:

A identidade social da mulher como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias do sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar os homens (SAFFIOTTI, 1990, p. 8).

A feminização do magistério no Brasil aconteceu, quando o campo na área educacional se expandiu no aspecto quantitativo. O magistério foi um dos meios da saída das mulheres para âmbito educacional, porque naquela época o casamento e a maternidade eram atividades essenciais das mulheres. Desde de então, a partir do século XIX, assistiu-se, no Brasil, ao processo de feminização do magistério. Esse processo, desencadeado por inúmeros fatores sociais, culturais e políticos, foi responsável por uma reconfiguração da imagem do docente na educação brasileira, incluindo a entrada das mulheres nas salas de aulas, especialmente como docentes.

Para Chamon (1995 apud LEÃO, 2015, p. 48), a mulher foi direcionada para a docência por ser mais submissa e econômica, possuir experiência na disciplinarização de crianças, além do fato de que os homens não estarem mais dispostos a assumir a tarefa.

No processo de feminização da educação, as mulheres começam a ganhar seu valor na sociedade, pois a educação teve várias implicações, após algumas considerações feitas pelo Estado, como por exemplo: a sensibilidade, o cuidado com as crianças, o afeto, entre outras condições e atributos.

O avanço das mulheres na educação foi crescendo, no início do século XX, devido à saída dos homens do magistério para outras funções, porém “a industrialização das grandes cidades brasileiras retirava os professores homens das poucas salas de aula que existiam na época levando-os para trabalhos recém-criados” (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 17). Assim, a maioria dos homens começou a deixar a docência masculina, para trabalhar nas indústrias, tendo um valor salarial maior, passando então as salas a serem dominadas pelas mulheres, pois naquela época a sociedade tinha pensamento alicerçado na ideia de que “toda mulher deseja ser mãe”, dessa maneira a grande parte das mulheres começam a ocupar partes dos cargos de docentes, sendo também que “[...] a economia capitalista industrial demandava a criação de novos empregos a serem preenchidos pela população masculina [...]” (ALMEIDA, 1998, p. 70). Desta forma, a autora atribui a saída dos homens do magistério à influência de fatores econômicos, sociais e

culturais. A visão da sociedade quando as mulheres começaram a ocupar cargos considerados masculinos, com uma imagem nova de maternidade, domesticidade, e cuidado, marcou a exclusão do gênero masculino por assemelhar a educação dos pequenos com “coisa de mulher”, justamente por serem designados e assimilados à mulher os papéis de mãe - esposa - professora.

O processo da feminização da educação acarretou na desvalorização do magistério, para que a escolarização se democratizar era preciso que o professor custasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia – procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres (CATANI, 1997, p. 28-29 apud RABELO; MARTINS, 2010, p. 5).

Desse modo, os autores Lins, Machado e Escoura ressaltam que:

As diferenças percebidas entre o corpo feminino e o masculino foram transformadas em desigualdades através de um processo histórico e cultural cujo resultado foi a naturalização de vários estereótipos de feminilidade e masculinidade. Um exemplo de como as diferenças de gênero serviram para a criação de desigualdades é a própria história do magistério e da pedagogia no Brasil (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 17).

Assim, as profissões consideradas femininas, foram perdendo o valor, a má remuneração, o despreparo, a desigualdade de gênero, baixo status social, fizeram com que os homens se afastassem, voltando-se para serviços que eram bem pagos e valorizados. Nessa época muitos homens eram chefes de casa, tinham o dever de manter as despesas da família.

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas (LOURO, 1997, p. 96).

Associando a profissão docente à prática assistencialista, sendo que as mulheres eram destinadas a cuidar e educar de crianças pequenas, a

predominância de homens na educação foi diminuindo e a mulher começa a ocupar os cargos de docentes. Todavia, os perfis de homem e mulher foram se baseando em adequação de serviços.

Deste modo, podemos afirmar que a capacidade que as mulheres possuem de serem mães é inerente ao seu sexo, pois seu corpo normalmente está preparado para tal finalidade. Já as características que dizem respeito ao amor, carinho, dedicação, paciência, ternura, entre outros, fazem parte das representações de gênero que a sociedade produz e reproduz acerca do sujeito de sexo feminino, a mulher (CUNHA; ARAUJO, 2013, p. 11249).

Desde então, o homem e a mulher tinham o papel semelhante ao seu gênero, o homem, a força e a coragem, e a mulher, a afetividade e o cuidado, e a criança pequena que precisava de cuidados assistenciais, perante olhar da sociedade quem promovia era a mulher.

No Brasil, o capitalismo surge em função da urbanização e dessa maneira as creches são produtos da revolução industrial, o crescimento do mercado de trabalho na época começa a avançar, e as mulheres a ocupar cargos no mercado de trabalho, desencadeando uma movimentação entre operários pela reivindicação de um lugar para deixarem seus filhos. As crianças que ficavam durante horas, distantes das famílias, suas mães precisavam de alguém para cuidar. Por conquistas pela luta do movimento feminista, as mulheres conseguiram direito ao espaço público, trabalhando fora do lar.

Devido aos movimentos industriais, surgem então, as instituições educacionais, “as creches” de caráter assistencial, com a função do cuidado e afetividade. Suas atividades diárias eram cuidar da higienização, alimentação e saúde de crianças pequenas, não exigindo qualificação e nem preparo, assim contribuiu “para que a atividade em creches e pré-escolas fosse abraçada por mulheres, associando, assim, a imagem feminina ou materna ao cuidado e assistência e a instituição era como extensão do lar e prolongamento do cuidado e educação dos filhos” (SILVA, 2013, p. 20).

A princípio as creches e pré-escolas, atualmente, constituem-se em cuidar e educar as crianças de zero a cinco anos, com o dever de oferecer-lhes uma educação inclusiva e de qualidade. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional está estabelecido no artigo 29:

Art.29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e comunidade (BRASIL.MEC/SEB, 1996).

No próprio sistema escolar há no imaginário sobre a educação uma despersonalização que não acontece em outros campos sociais [...] uma despersonalização do magistério em que o professor e a professora são vistos apenas como apêndices (ARROYO, 2000, p. 10 apud ABREU; SALES; SILVA, 2012, p. 3).

Há poucos relatos, que descrevem sobre o professor do sexo masculino na educação infantil, por motivos de identidade de gênero, a presença masculina na educação causa ainda muito estranhamento, são poucos trabalhos que apresenta os docentes do sexo masculino na área educacional, trabalhando com crianças pequenas de zero a cinco anos. De fato, se destaca na tese de doutorado de Sayão (2005), que diz sobre as relações de gênero e trabalho docente dentro da creche.

A autora nos alerta que:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Dados que, historicamente, e como uma continuação da maternidade, os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando o com corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos. É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Em contrapartida, há formas explícitas de conceber as mulheres como assexuadas e puras e, portanto, ideias para este tipo de trabalho (SAYÃO, 2005, p. 16).

Numa sociedade arraigada de preconceitos, onde é generalizado que só a mulher pode atuar com crianças pequenas nas escolas, o homem é o provedor de tudo o que acontece. Quando ele entra em atuação tem que mostrar habilidades, sabendo que a ambos os sexos a família precisa atentar, não só ao homem, mas sim a todos que compõem a educação dos seus filhos.

Sabendo, contudo, que as mulheres por meio de lutas e conquistas conseguiram feminizar o magistério. Assim os autores (COSTA,1995 apud ABREU; SALES; SILVA, 2012, p. 4), questiona o porquê de o fato de um grande número de

mulheres no século XX, dirigirem-se para a Medicina ou para o Direito e não feminizar estas profissões, e por que este mesmo fenômeno demográfico afetou tão profundamente à docência.

Dessa maneira, por muitas lutas feministas, as mulheres conseguiram adentrar em vários campos, por muito tempo teve seu espaço público negado delimitado, assim que conseguiram entraram no ambiente educacional, a profissão que naquela época era considerada masculina foi perdendo seu valor, por que não se precisava mais pagar bem. O Governo, então começou a baixar os investimentos na educação e a desigualdade salarial e de gênero sofre um forte impacto, o homem precisava ter um salário maior, pois eram chefes de casa, a discriminação de gênero uma economia por parte do Estado que não acreditava no potencial das mulheres como no dos homens.

Em alguns espaços e níveis de ensino, o magistério tem se transformado em uma prática de educação sexista e estereotipada que gera preconceitos, como exemplo, com relação ao ingresso e atuação de homens professores no trabalho docente com crianças (HELLER, 1972, p. 94 apud ABREU; SALES; SILVA, 2012, p. 5).

E assim o magistério e a educação foram se legitimando num espaço feminino. A presença do homem na educação foi deslocando e ocupando cargos maiores na docência, com o gestores, coordenadores e supervisores, e a mulher foi se identificando cada vez mais no espaço de professora. Em vista do retorno dos homens na educação, há uma exclusão por parte da sociedade e da escola e as funções das mulheres foram cultivadas e preservadas em sociedade, o preconceito e os estigmas em relação à presença do homem na área educacional foram se ampliando e gerando olhares suspeitos e segregação por parte o todo social.

3.3 Revisão de literatura: o que se tem pesquisado sobre tema

A revisão de literatura teve como intuito, a delimitação da pesquisa, buscando vários estudiosos que abordam sobre o tema. Utilizamos como referências teóricas artigos, livros, monografias, teses e dissertações que discutem o homem na educação. Realizamos buscas no site da ScieELO (Scientific Eletronic Library Online), biblioteca digital da Unicamp, CAPES/MEC (Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e a biblioteca da UNITAU.

Os temas pesquisados foram separados e organizados pelo descritor de busca no título ou no resumo, conforme quadro 1, os temas de interesses pesquisados nos sites foram destacados como:

A presença masculina no magistério; Homens na educação infantil; Relação de gênero na educação infantil; Discriminação ao ver um homem na educação infantil; Homens podem ensinar crianças pequenas, temas relevantes para realização da pesquisa, muitos outros artigos e materiais foram dispensados de consultas pois não atendiam à perspectiva da pesquisa.

Quadro 1– Quantidade de artigos, dissertações, monografias e livros por descritor.

Descritor	Produção
A presença masculina no magistério	07
Homens na educação infantil	04
Pedagogia de gênero	06
Discriminação ao ver um homem na educação infantil	04
Homens podem ensinar crianças pequenas	06

Fonte: Elaborado pelo autor

Com base no Quadro 1, foi elaborada uma síntese da proposta dos autores e selecionamos com grande relevância, quando falamos sobre o professor homem no campo educacional, trabalhando na educação infantil com crianças de 0 a 5 anos, trouxemos relatos históricos, discussões e abordagem do tema realizado pelos autores, análises e compreensão do problema de pesquisa.

Os artigos, livros, dissertações entre outros, que foram encontrados, estão explicitados no quadro 2. Selecionamos sete textos, que abordam sobre a presença dos homens no magistério e destes, destacamos quatro textos que tratam do processo de feminização do magistério e no decorrer dos textos falam sobre a saída do homem do magistério. Os autores são Almeida (1998); Cunha e Araújo (2013); Freire (2011); Lima, Tavares e Andrade (2016).

Quadro 2 – A presença masculina no magistério

Artigos / Resumo	Categoria	Resumo do tema
ALMEIDA, Jane Soares de. Currículos da escola normal paulista (1846- 1920): revendo uma trajetória. Revista Bras. Estudos pedagógicos , Brasília, v.76, n. 184, p. 665-689, set./dez. 1995.	Revista	O artigo discute como o currículo era diferenciado para homens e mulheres que queriam estudar cursos de licenciatura, e a reforma da estrutura do currículo de São Paulo.
ALMEIDA, Jane Soares de. Mulher e educação : paixão pelo possível. 1. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.	Livro	Este livro trata sobre a feminização da profissão de professoras, busca analisar e compreender o marco histórico, a luta pela igualdade e as conquistas femininas no espaço escolar.
FREIRE, Eleta de Carvalho. Mulher no magistério: uma história de embates entre espaço público e espaço privado. Revista Lugares de Educação . Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, p. 239-256, jul./dez. 2011.	Revista	O texto vem resgatando elementos da inserção da mulher na educação brasileira como professora e aluna.
CUNHA, Amélia Teresinha Brum da. O magistério primário no Brasil e a presença feminina na profissão docente: o que mostram os documentos oficiais. Revista Gestão Universitária , [s. l.], fev. 2018. Disponível em: http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/o-magisterio-primario-no-brasil-e-a-presenca-feminina-na-profissao-docente-o-que-mostram-os-documentos-oficiais . Acesso em: 05 set. 2019.	Artigo Científico	Esse artigo discute o tema, efetuando uma análise histórica do processo de feminização docente, a imagem de cuidadora e as ideias implantadas na sociedade atual, e o porque da ausência do homem no campo educacional.
CUNHA, Renata Cristina da; ARAÚJO, Lucélia Costa. Os homens na docência e a feminização do magistério. 2013. 14f. Congresso Nacional de Educação EDUCARE ; Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.	Artigo Científico	O objetivo dessa pesquisa é compreender a inserção dos homens como professores dos anos iniciais.

LIMA, Maria de Conceição; TAVARES, Sylvia de Melo Bandeira; ANDRADE, Márcio Valdecy de. A escola pelo magistério na educação infantil: o que dizem os estudantes homens do curso de pedagogia? Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica , Recife, v. 2, n. 1, p. 18-35, 2016.	Revista	Esse artigo tem a função de analisar os estudantes do curso de pedagogia, e o porque da ausência do homem na educação infantil.
RABELO, Amanda Oliveira e MARTINS, Antônio Maria. A mulher no magistério: um histórico sobre a feminização do magistério. In: Congresso Luso – brasileiro de história da educação , 2010; Uberlândia; Anais Aveiro: FCT, 210. p. 6167-6176.	Artigo Científico	O artigo investigou quais elementos favorecem a feminização da docência na educação infantil da rede pública

Fonte: Elaborado pelo autor

Muitos trabalhos, como de Almeida (1998), Cunha (2013), Freire (2011) e Lima, Tavares e Andrade (2016), abordam a questão da feminização do magistério com a mesma linha de pensamento buscando ressaltar a inserção da mulher na educação, a desigualdade social, motivos pelos quais os homens saíram do magistério destacando que em 1758 a educação brasileira registra uma inserção das mulheres no magistério. Por um longo período, foi destinado somente para homens e ministrados também por eles. A história se inscreve em um cenário de mudanças sociais, onde os homens eram ocupantes legítimos dos espaços públicos, e a mulher dos espaços domésticos, que apresentavam uma forma de desvalorização da função feminina de construção dos vínculos, pois atendia como espaço de reprodução biológica e ideologia da sociedade. A igreja católica como centro, e a educação como poder, naquela época quem ensinava eram jesuítas, homens religiosos, e com o passar dos anos a expulsão da Companhia de Jesus, e com novas leis de expandir a educação para todas as mulheres foram se inserindo aos poucos neste processo. Eram formas de ensino diferentes das ensinadas hoje, pois a ideia era de formar esposa perfeita, ideal. Ao se deslocarem para os ensinos superiores muitos homens, deixaram de frequentar, pois naquela época era impregnada a visão machista na sociedade; homens tinham que ganhar mais que as

mulheres, a baixa remuneração a desvalorização do magistério, faziam com que os homens se deslocassem para os outros serviços.

Segundo Almeida (1998, p. 65) os motivos para essa inserção das mulheres no magistério eram o “repúdio à coeducação liderado pela Igreja Católica” e “a necessidade de professoras para reger as classes femininas”. Para a autora a história do magistério é de luta pela conquista de espaço na sociedade. Freire (2011) relata o porquê dessa inserção, apresentando o difícil acesso da mulher no mercado. O trabalho feminino tem sofrido pressões e tentativas de controle ideológico e econômico, cargos e funções menores, sempre ocupados por mulheres.

Cunha e Araújo (2013) associaram a profissão docente à prática assistencialista. A escola passou a trabalhar com um corpo de profissionais formado na sua maioria por mulheres, por acreditar que estas cumpririam perfeitamente seu papel de mães-educadoras. Em consequência disso, a presença masculina, distanciou-se significativamente desta área por causa do estranhamento e preconceito gerado, portanto a imagem do pedagogo sofreu uma inversão.

No século XX a feminização causa impacto e com a saída dos homens, a profissão se torna menosprezada e enfrenta crise salarial. As autoras levantam a problematização seguinte, ou seja, quando falamos na inserção da mulher precisamos entender o que os professores homens pensam sobre a predominância das mulheres na área, mesmo porque, Lima, Tavares e Andrade (2016), destacam em seu artigo uma forte presença feminina no magistério, quais não obstante, travaram e enfrentaram resistências perante a sociedade. Mas é importante ressaltar que por muito tempo os homens tinham domínio sobre as mulheres e isso causou impacto nas lutas feministas, onde muitas mulheres começaram a se deslocar para os primeiros empregos, e a sociedade, como atribuía uma imagem à mulher vista até então como mãe, esposa e professora, com muitas críticas. Elas conseguiram a liberdade de trabalho, e a profissão do docente foi se caracterizando feminina, e nos século XIX e início do século XIX, o Brasil passou por um momento de urbanização e industrialização, e os poucos homens começaram a abandonar as salas de aula, indo para áreas administrativas das escolas, outros indo para as grandes indústrias.

O descritor homem na educação infantil (Quadro 3) foi encontrado em vários textos, mais para a pesquisa selecionamos três destes quais os ressaltam o professor homem em sala de aula, autores que discutem e desconstruem mitos

gerados pelo sexo masculino, que vêm arraigado pela sociedade, Barbosa (2016), Monteiro e Altmann (2014) e Silva (2014).

Quadro 3 – Homem na educação infantil

Artigos / Resumo	Categoria	Resumo do tema
BARBOSA, Marcos Antônio. Homem na educação infantil: bendito fruto entre as mulheres. 2016. 38f. Trabalho de graduação (Graduação em pedagogia); Universidade de Taubaté; Taubaté, 2016.	Monografia	A monografia trata sobre o homem no campo minado, com breve contexto da feminização do magistério com principal objetivo de analisar e compreender a atuação desses profissionais.
MONTEIRO, M.K & ALTMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. Cad. Pesquisa , vol.44, n. 153, São Paulo, jul./set. 2014.	Revista	As autoras irão discutir sobre a trajetória profissional de homens que optaram por atuar como professores de educação infantil, em uma rede pública.
OLIVEIRA, Ricardo da Cunha. Docência Masculina Na Educação Infantil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento . Ano 03, ed. 12, v. 1, p. 80-94, dez. 2018.	Artigo Científico	O autor ressalta a Educação infantil como um lugar feminino, olhar da sociedade que designou sua função, onde o professor homem não tem destaque, levantando reflexões de preconceitos e discriminação perante o docente masculino.
SILVA, Angela Cristina Gomes da. Reflexões sobre o sexo masculino na educação infantil. 2014. 37f. Trabalho de graduação (Graduação em pedagogia), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.	Monografia	A autora destaca as razões históricas e sociais que, podem ter contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na educação infantil.

Fonte: Elaborado pelo autor

Barbosa (2016) traz os mitos desconstruídos pela sociedade, que homem é só para serviços braçais, não possuem condições para ensinar, e as mulheres com vocação para atuarem como professoras, mães e esposas, mostrando que os homens podem sim, serem professores e atuarem em salas de aula.

Monteiro e Altmann (2014) tiveram como objetivo principal analisar a trajetória profissional dos homens que atuam como professores de educação infantil. A

entrevista aborda os desafios enfrentados pelo fato de serem homens trabalhando nesse nível de ensino, olhares de segregação e de estranhamento.

Já Silva (2014) discorre em sua monografia aspectos que chamam a atenção, o motivo do professor do sexo masculino que atua junto às crianças pequenas gera inicialmente estranheza e questionamento no corpo docente escola, tensões e reflexões ao ver um homem em campo.

Sobre o descritor pedagogia de gênero (Quadro 4), temos Bernandim e Lira (2016), Leão (2015) e Sayão (2005), são autores que analisamos e nos fizeram compreender melhor como está presente a relação de gênero dentro das escolas (homem/mulher), e o disparo das mulheres na educação.

Quadro 4 – Pedagogia de gênero

Artigos / Resumo	Categoria	Resumo do tema
LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós – estruturalista . 6. Petrópolis: Vozes, 1997.	Livro	O livro fala sobre as relações do gênero com a sexualidade, as redes do poder, raça, classe, a busca de diferenciação e identificação pessoal e suas implicações com as práticas educativas atuais.
ABREU, Jânio Jorge Vieira de; SALES, Maria da Conceição da Silva; SILVA, Adriana Lima da. Homens na escola normal e a profissionalização docente para os anos iniciais do ensino fundamental de Teresina (PI):1910 a 2000. 15f. Fórum Internacional de Pedagogia – IV FIPED , 2012, Parnaíba – PI, Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Campina Grande, Realize Editora, 2012.	Artigo Científico	Este artigo fala sobre a profissionalização, a imagem que a sociedade tem ao ver uma mulher na sala de aula, a história irá discutir sobre as problemáticas das relações de gênero na escola, entendendo gênero como uma construção social e as diferenças de tratamento e discriminação ao sexo masculino.
BERNARDIM, Geovana de	Revista	Este artigo parte da consideração

<p>Paula e LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. O profissional do gênero masculino na educação infantil: com a palavra, pais e professores. Revista do programa de pós-graduação em educação. Unisul; Tubarão, v.9, n.15, p. 80-97, jan./jun. 2016.</p>		<p>de que a atuação com as crianças pequenas veio configurando-se como uma profissão relegada à mulher, e busca analisar e identificar as repostas, o reconhecimento da competência, tanto de profissionais do gênero masculino quanto feminino, no trabalho com as crianças na Educação Infantil.</p>
<p>LEÃO, Guilherme Inácio Marques. A importância do gênero masculino nos anos iniciais do ensino fundamental. 2015. 100f. Trabalho de graduação (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2015.</p>	<p>Monografia</p>	<p>Esta pesquisa tem o objetivo de compreender a perspectiva que a comunidade educativa tem a respeito da figura masculina do professor.</p>
<p>SAFFIOTI, Heleieth I.B. Poder do macho. São Paulo: Editora Moderna, 1987. (Coleção polêmica).</p>	<p>Livro</p>	<p>Este livro fala sobre a identidade da mulher e do homem em aspecto social, como a sociedade vê diferentes gêneros, como são delimitados os distintos papéis.</p>
<p>SAYÃO, Debora Thome. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo a partir de professores na creche.2005. Tese (doutorado) – Universidade de Santa Catarina, Santa Catarina.</p>	<p>Tese de Doutorado</p>	<p>A tese do autor buscou compreender como os homens se constituem como docentes na educação das crianças de 0 a 5 anos – profissão caracterizada como “tipicamente feminina”. Em um primeiro momento apresenta os aspectos teórico-metodológicos da tese, assinalando a opção por uma perspectiva sócio antropológica.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Bernandim e Lira (2016) destacam que, atualmente, a presença de profissionais homens em instituições de Educação Infantil é baixa, praticamente inexistente em relação ao número de mulheres e, a sociedade, de forma geral, estranha a presença masculina ao trabalhar com crianças pequenas, sem muita

vezes nem conhecê-los, pré-estabelece que a Educação Infantil não é lugar de homem.

[...] além de nossas crenças mais comuns e, muitas vezes pré-concebidas, o que sabemos sobre como atuam professores homens em creches? É bastante conhecido o volume de abusos e violências cometidos por profissionais inescrupulosos que agridem meninos e meninas. Contudo é necessário indagar se todos agem dessa forma. E, ainda, somente os homens são autoritários e usam poder impondo violência contra meninos e meninas? [...] (SAYÃO, 2005, p. 16).

A autora defende as relações de gênero e o trabalho docente na Educação Infantil, trazendo relatos sobre como é difícil para os docentes do sexo masculino conquistarem espaços nas escolas, principalmente na Educação Infantil. Sem ao menos conhecerem o profissional, a escola e a família fazem julgamentos, admitindo a possibilidade de que sendo homem, vai assediar a criança. Sendo assim, vemos uma sociedade na qual a mulher busca por direitos iguais, que os homens atuem dentro do lar nos cuidados dos filhos, mas, ao mesmo tempo, ver homens atuando dentro das escolas, é perceber também que a sociedade tem construído um olhar malicioso, preconceituoso e, por vezes, veladamente homofóbico, antes mesmo de conhecer os profissionais homens. Qualquer pessoa pode cometer um ato de violência contra uma criança, a atenção deve voltar-se à família, à escola, e não somente aos profissionais do sexo masculino.

Leão (2015) afirma que para romper o ambiente feminizado, os homens buscam “nadar contra a corrente” da sociedade e dos discursos hegemônicos de gênero, visando alcançar os campos de atuação que não lhes pertencem mais. Isso conduz, principalmente, ao posicionamento contrário aos discursos de gênero que estão postos pela sociedade, e que pode ser sinal do nascimento de um “novo homem” (NOLASCO, 1997 apud LEÃO, 2015, p. 50). Os homens ao adentrarem aos ambientes feminizados causam certo incômodo e para conquistar esses espaços terão que passar por um processo de aprovação.

Foram escolhidos autores atuais, que apresentam dados e análise, a fim de discutir sobre o preconceito e a discriminação que os professores homens vêm enfrentando nos últimos anos. Conforme o descritor a Discriminação ao ver um homem na educação infantil (Quadro 5), autores como Araújo (2017), Reis, Faria e Gonçalves (2016) trazem dados, relatos da atualidade, com o intuito de romper

com o rótulo imposto pela sociedade, apresentando a ideia de que os homens são capazes de ensinar e cuidar de crianças, e desconstruir, com isso, os paradigmas da sociedade.

Quadro 5 - Discriminação ao ver um homem na educação infantil

Artigos / Resumo	Categoria	Resumo do tema
ARAÚJO, Tiago Santos de. Vai ter professor – homem na educação infantil, sim! Rompendo paradigmas. 2017. 59f. Dissertação (Especialização); Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.	Dissertação de Especialização	A pesquisa traz a experiência vivida pelo autor, como coordenador, discute os aspectos a respeito da história da educação, legislações, e sobre as discussões de gênero e docência no campo da educação.
LINS, Beatriz Accioly. MACHADO, Bernardo Fonseca. ESCOURA, Michele. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.	Revista	Os autores discutem a sociedade padrão, e questionam sobre funções feminina e masculina, a discriminação e preconceito ao ver ambos fazendo tarefa para que não sejam designados aos seus gêneros.
RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. Educação e Pesquisa , São Paulo, v. 39, n. 4, p. 907-925 out./dez. 2013.	Artigo Científico	Este artigo trata dos preconceitos gerados ao ver um homem atuando na Educação Infantil, com objetivo de analisar o envolvimento dos gêneros nos anos iniciais.
REIS, Maria das Graças Fernandes de Amorim dos; FARIA, Adriana Horta de e GONÇALVES, Josiane Peres. Olhares de professores homens de educação infantil: conquista e preconceito. Perspectiva , Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 988-1014, set./dez., 2016.	Revista	O objetivo desta pesquisa é verificar quais são as representações sociais de professores homens que atuam com crianças na faixa etária de 0 a 5 anos

Fonte: Elaborado pelo autor

Segundo o autor Araújo (2017) aponta que:

O professor, quando está à frente de um trabalho que envolve o cuidado com pequenos, sofre na maioria das vezes com o preconceito, com os estigmas culturais que lhes são colocados por falta de conhecimento e compreensão, quando naquele momento, naquele espaço, o olhar deveria estar voltado para o profissional (ARAÚJO, 2017, p. 16).

O autor ainda destaca que independente do gênero na escola, a família precisa ter um olhar supervisionado, antes de adquirir confiança com determinado profissional. Os autores Reis, Faria e Gonçalves (2016) mencionam, que a sociedade é machista entre o homem e a mulher na sala de aula. A sociedade opta pela mulher, por ter as características consideradas femininas como: paciente, carinhosa, amorosa, ela tem o “jeito” são atributos que gera o preconceito e discriminação.

O descritor do quadro 6 é os homens podem ensinar crianças?, autores como Ferreira (2017), Silva (2013), Sousa (2015) e Rocha (2012) trouxeram aspectos relacionados ao ensinar e cuidar, a afetividade entre professor e aluno, desafios do professor homem no cotidiano, como ele é visto na discussão entre a androfobia, afetividade, o contato, as barreiras encontradas.

Quadro 6 – Os homens podem ensinar crianças?

Artigos / Resumo	Categoria	Resumo do tema
ARAÚJO, Suzana Medeiros Diniz. A docência masculina: estado da arte e a realidade DF, 2015. 69f. Trabalho de graduação (Graduação em pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2015.	Monografia	Esta pesquisa tem como objetivo compreender a perspectiva que a comunidade educativa tem a respeito da figura masculina do professor na educação infantil e nas series iniciais do ensino fundamenta.
FERREIRA, Waldinei do Nascimento. As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de professores homens nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte. 2017. 160f. Dissertação de Mestrado –	Dissertação de Mestrado	O autor investigou as relações de cuidado nos relatos dos homens professores nas escolas públicas de educação infantil da prefeitura de Belo Horizonte.

<p>Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2017.</p>		
<p>SILVA, Idélia Manassés de Barros. Elementos de contradição nas representações sociais do ser professora de educação infantil. In: MACHADO, Laêda Bezerra. Incursões e Investigação em Representações Sociais e Educação. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.</p>	<p>Dissertação de Mestrado</p>	<p>A pesquisa tem o objetivo de compreender as representações sociais do como é ser professora de Educação Infantil, articulando com a identidade profissional, nessa etapa da Educação Básica. Partimos do pressuposto que o contexto de mudanças, com avanços e retrocessos, vivenciados pela Educação Infantil influencia a imagem que as professoras constroem de si, bem como as representações sociais da profissão.</p>
<p>SILVA, Walter Lucio da. Homens que educam desafios do nosso tempo. 2013. 28f. Trabalho de graduação (Graduação e, pedagogia); Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.</p>	<p>Monografia</p>	<p>Esta monografia discute o papel do educador do gênero masculino no âmbito da Educação Infantil. Minoria em todos os níveis de ensino, os homens tentam ganhar espaço num ambiente historicamente dominado pelas mulheres e levantam questões como preconceito, desvalorização do trabalho docente e construções sociais que envolvem escola, família e comunidade.</p>
<p>SOUSA, José Edilmar de. Homem docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um centro de educação infantil. 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.</p>	<p>Artigo Científico</p>	<p>Este artigo tem como objetivo discutir a visão de crianças de uma turma de um Centro de Educação Infantil sobre o ingresso e a trajetória de um professor na instituição.</p>
<p>ROCHA, Cesar Moreira. Homens pode ensinar crianças pequenas? A experiência masculina de ensino nas etapas iniciais da educação básica. Relato de pesquisa. Eixo 3; Universidade Estadual de Campinas, 2012.</p>	<p>Relato de Pesquisa</p>	<p>O artigo relata os pressupostos de que os homens são minoria nas primeiras etapas do ensino básico que compreendem a educação infantil e o ensino fundamental (1º ao 5ºano).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Ferreira (2017) problematiza as relações de cuidado nos relatos dos homens professores nas escolas públicas de educação infantil da prefeitura de Belo Horizonte, investiga e questiona sobre a presença dos professores homens na educação infantil, mostrando resistência por parte deles, pois o termo cuidar associa-se, no senso comum e no âmbito doméstico de atender, responsabilizar-se, tomar conta, que para muitos é coisa de mulher.

Do ponto de vista Silva (2013) que discute o papel do educador, o maior desafio desses profissionais é mostrar que são capazes de desempenhar o papel como qualquer outro profissional, independente da questão de gênero.

Sousa (2015) destaca elementos que impendem muitos homens de entrarem na educação infantil, preferindo crianças maiores, pois são mais autônomas, e não precisam de cuidados de higienização individual. O primeiro elemento é a herança do ideário de cunho assistencialista que ainda pesa sobre a realidade da educação infantil. O outro elemento é a escassez de homens nessa área e a associação das atividades educação e cuidado à maternidade. É comum famílias reagirem negativamente à presença masculina, por medo de que aconteçam casos de pedofilia. O autor ainda salienta que casos de pedofilia não acontecessem somente com homens. A questão é de todos, pois quanto a família e a escola precisam aprender aceitar e ter um olhar flexível ao ver um homem na educação, e não o rotular por simplesmente ser homem, se torna incapaz ou abusador.

Rocha (2012) ressalta que ainda se pensa o mundo de forma excludente e preconceituosa quando, por exemplo, se associa ao homem a ideia de masculinidade ligada ao provedor, forte, rude, disciplinador e à mulher a noção de feminino condizente com uma pessoa boa, carinhosa, maternal e redentora. Essas ideias compõem uma visão simplista e superficial de sociedade. Outro ponto é quando vemos um homem em sala de aula, é a associação de que aquele lugar não lhe pertence, pois, teria que estar nas áreas da Educação Física ou na Gestão, por condizerem com seu caráter disciplinador. Por exemplo, uma criança com dificuldade de cumprir regras respeitaria mais a figura masculina.

4 HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ROMPENDO PARADIGMAS

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 anos, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, conforme o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB de 1996). Quando a criança ao chegar à escola, a família tende a ver seu filho(a) acolhido(a), amado(a), cuidado(a), onde a professora tem o dever de prover seu cuidado, justamente, pelo fato de que a Educação Infantil historicamente se configurou pelo assistencialismo e a ser um espaço essencialmente de cuidados à criança.

Para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a concepção que vincula o educar e o cuidar, entende o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, acolhem as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e os articula em suas propostas pedagógicas. É preciso construir a ideia de que as crianças, ao adentrarem o espaço da Educação Infantil, estão com profissionais do ensino, que a professora não é a mãe ou a tia e com isso, também não olhar para o professor homem como pai ou tio. Esse equívoco que tem sido a tônica entre as famílias. Assim menciona Sousa (2015, p. 15) “o gênero é um fator de influência, no entanto, para as crianças o mais importante não é ter um professor ou professora, mas um profissional que lhes propicie experiências significativas”.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução, CNE/ CEN nº5/ 2009), em seu artigo 4º, define a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 18).

Pensarmos nos profissionais que estamos formando e nas famílias que estão adentrando nas escolas, para desconstruir uma sociedade machista e preconceituosa, despertando interesse nos professores homens pela Educação Infantil, pois não estão atuando por preconceitos gerados. Mostrar o quanto é

importante termos ambos os sexos na educação de crianças pequenas e, nesse caso, o homem é a representação paterna para as crianças. Com base nos estudos referentes à presença masculina na Educação Infantil, a autora Sayão (2005), argumenta defendendo a relação dos homens na Educação Infantil:

Quanto maior o envolvimento de homens na Educação Infantil aumentará a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que está etapa da educação básica é um trabalho apenas para mulheres alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e quem sabe melhorando, significativamente os salários e o status da carreira (SAYÃO, 2005, p. 16).

Com esses conflitos, poucos professores homens tendem a figurar nesses espaços, e quando entram sempre são testados por pais, tendo que mostrar suas competências e habilidades dentro da sala. Araújo, (2017, p. 13 apud RAMOS, 2011, p.113), menciona, em seu estudo, que o homem passa por algumas etapas ao atuar com crianças, e chama esse processo de período probatório e comprobatório, ou seja, é preciso provar, tanto para equipe quanto para a comunidade, não só a sua capacidade técnica, mas a habilidade para lidar com crianças e resolver as problemáticas relacionadas à elas.

Em nenhum momento, para exercer o papel de professor na Educação Infantil, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB/96) referente à Educação Infantil, determina que docentes masculinos não podem exercer essa função. Deixa evidente que os professores precisam estar habilitados para atuar (SILVA, 2014, p. 14).

O artigo 62 da LDB de 1996, assim dispõe:

Art.62. A formação de docentes para atuar na educação far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1996 apud SILVA, 2014, p.14).

Importante ressaltar que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 1996, no seu artigo 62, não determina nenhum gênero específico para trabalhar com crianças e sim, a formação no curso de pedagogia, plena licenciatura, tanto homens ou mulheres podem exercer a mesma função, mas por motivos históricos e a imagem da mulher

traz consigo bagagem histórica num contexto domesticado e maternal estabelecendo perfil eleito para exercer a profissão de professora.

No imaginário de muitas pessoas a mulher promove o cuidado e o afeto na Educação Infantil e assim dificulta a entrada de muitos homens no âmbito educacional. “A incredulidade de achar que o homem não dispõe de habilidade para atuar com criança somente reforça a dicotomia de gênero, o pensamento machista e a intolerância” (ARAUJO, 2017, p. 16). Com o passar dos anos, vemos o retorno dos homens na educação, buscando adentrar nos espaços femininos, mas é muito complexo e difícil fazer uma reconstrução, principalmente na Educação Infantil. Assim destaca Silva (2014):

A escola da Educação Infantil, seus professores e todos envolvidos na unidade escolar, na rede de ensino, é espaço para refletir na desconstrução de que esse espaço é feminino e que a presença de um homem é ameaçadora, incompatível com a realidade, um fracassado trabalhador de indústria ou do comércio que tenta sorte num trabalho mais "leve" de olhar crianças (SILVA, 2014, p. 49).

Assim que a figura masculina na escola, é vista com estranhamento e preconceito, cabe à comunidade escolar apoiar e quebrar estereótipos criados, e oportunizar o docente masculino. Sendo que a escola parte do pressuposto que a Educação Infantil promove ações de cuidados, como a alimentação, trocas de fraldas e banhos, e tanto outras atividades pedagógicas são fundamentais para desenvolvimento da criança, quando homem ou mulher irão enfrentar o mesmo desafio.

A escola tem um papel fundamental nessa temática, no sentido de desconstruir esse preconceito que continua enraizado ao longo do tempo e que necessita ser banido dos sistemas de ensino municipais brasileiros, dada a realidade emergente no contexto atual (VELOSO; SILVA, 2018, p. 2).

A partir desse equívoco sociocultural, político-pedagógico e legitimação vigente, o autor Oliveira (2018, p. 4) fundamenta em seu artigo que:

A atuação da escola como um todo primordialmente deveria se constituir/caracterizar como local não de exclusão, mais sim de um elo, uma espécie de aliada na derrocada de paradigmas diversos, pois assim evitaria confrontos e desencontros em suas ações como um todo (OLIVEIRA, 2018, p. 4).

O autor afirma ainda que:

A plena aceitação da figura masculina como professor está bem distante, pois barreiras de exclusão sexistas ainda figuram e a questão não é amplamente discutida como deve, não existe a problematização, o que se reproduz na verdade é um modelo obsoleto educacional, totalmente diferente do que se prevê na regulamentação da educação em nosso país (OLIVEIRA, 2018, p. 4).

É lamentável, mesmo com as mudanças da sociedade quando homens são envolvidos na educação integral de seus filhos, há muitas barreiras nas escolas, por parte da equipe e a da família, pois docentes masculinos ao assumirem uma sala de aula com crianças pequenas, sua sexualidade é questionada, como homossexuais ou pedófilos, isso vai desabilitando a profissão docente masculina.

Araújo (2017, p. 27) salienta que:

Pelo fato de o cuidado ainda ser identificado como uma tarefa do âmbito doméstico, ele também é reconhecido como um afazer feminino. Por mais que se tenha caminhado na direção da equidade entre os gêneros, os cuidados dedicados ao corpo da criança ainda estão associados a um trabalho realizado por mulheres. (PENA, 2016, p. 123-124 apud ARAÚJO, 2017, p. 27).

A perspectiva de divisão sexual do trabalho é facilmente atestada quando se constata cientificamente que a docência direcionada à educação infantil está associada profissionalmente com o trabalho das mulheres, portanto associado a uma esfera reprodutiva. Contudo, a Educação Infantil está associado à mulher, desde o século passado, à ligação sociocultural, à construção do sujeito e assim, a profissão professora está vinculada na prática e não na necessidade de obter conhecimento, pois há grande fortalecimento e ligação cultural entre educação e o sexo feminino, o trabalho com crianças seria de reprodução do trabalho doméstico, Sayão (2005) menciona que a mulher é vista como possuidora de “dons naturais para cuidar”, tornando a Educação Infantil uma vocação, e não uma profissão.

Para serem aceitos pela comunidade escolar, os professores do sexo masculino passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças (RAMOS, 2011, p. 61 apud VELOSO; SILVA, 2018, p. 3).

Enfim, os docentes homens ao adentrarem os espaços escolares, sobretudo,

da Educação Infantil, terão que estar conscientes de que existe ainda preconceito tanto na sociedade quanto na escola que também reflete a sociedade. Seu trabalho na escola será pautado por enfrentamentos, conquistas e oportunidades de espaço, será monitorado, tendo que comprovar com muita clareza sua competência e habilidade docentes e relacionais.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nessa seção são apresentados os dados desta pesquisa. Para tanto, foram consultados os sites da Rede Municipal de Ensino de Aparecida e as entrevistas com os professores participantes.

5.1 Caracterização dos participantes

Quadro 7 – Caracterização dos participantes

Professores	Idade	Formação	Função	Instituição	Faixa	Tempo em exercício
P 1	29 anos	Graduação em Pedagogia	Monitor	Privado	4 a 5 anos	7 anos
P 2	50 anos	Graduação em Pedagogia; Pós Educação Especial	Monitor Educacional/ Docente	Público	3 a 4 anos	23 anos
P 3	37 anos	Magistério; Graduação em Pedagogia; Pós Psicopedagogia	Monitor Educacional/ Docente	Público	2 anos e meio	15 anos

Fonte: Elaborado pelo autor.

5.2 A presença masculina na Educação Infantil municipal

Neste capítulo, discutimos sobre o pré-conceitos e estigmas sofridos professores do sexo masculino na Educação Infantil. Entendermos porque ainda há olhares de suspeitas e estereótipos, desvelando os preconceitos do gênero masculino, e o porquê de excluírem da Educação Infantil.

Na rede de ensino de Aparecida, foram localizados três docentes que trabalham na Educação Infantil, sendo selecionados dois para a contribuição na pesquisa. O título da função é de monitor educacional/docente, mas alguns deles exercem também a função de professor, pois muitas vezes há falta de professores

ou com a aposentadoria de professores, eles acabam assumindo as salas de aula, pois o valor salarial de um monitor é o mesmo de um professor.

5.3 Homens que educam: desafios do nosso tempo

Com base na coleta de dados dos entrevistados, buscamos compreender as relações entre os professores do sexo masculino com as famílias, os alunos e os demais profissionais da escola, lembrando que homem ainda é alvo de pré-conceitos e estereótipos no ambiente escolar.

5.3.1 Desafios no dia a dia

Refletir sobre a presença masculina trouxe implicações para a formação de homens nos cursos de pedagogia, questionando se eles são capazes de exercer a profissão, e como é ser homem num ambiente onde as pessoas te veem incapaz de realizar a função docente como apontam os relatos e desafios encontrados pelos sujeitos entrevistados.

O professor (3) ressalta que foi um desafio para ele, a aceitação no ambiente feminizado, como podemos observar:

No começo realmente não foi fácil mesmo, literalmente um choque de realidade, pois nada do que havia aprendido durante a formação se aplicava ou nem aproximava daquilo e assim tudo passa a não fazer sentido. Sendo assim me vejo perdido e cheio de pontos de interrogação. Os desafios foram vários, primeiro por ser homem em um ambiente totalmente ocupado por mulheres, a inexperiência, os olhares e os comentários das profissionais que já atuavam. Onde as mesmas afirmavam “ixi” esse não vai aguentar amanhã ele não volta.

O professor (2) ressalta que:

O preconceito sempre existirá, já cheguei a querer desistir devido ao preconceito de alguns pais. Hoje o preconceito é menor, mas ainda assim ele existe.

Desta forma Silva chama a atenção para que:

Este profissional está no foco dos olhares preconceituosos que irão duvidar da sua capacidade e sexualidade, provocando desconforto, constrangimento e outras sensações como ser um peixe fora d'água, gerando questionamentos e pensamentos acerca de si mesmo, da sua escolha e da sua didática (SILVA, 2014, p. 18).

Sousa (2015, p. 4) menciona também que “os homens que optam pela docência na educação infantil, dificilmente seguem carreira”, pois trabalhar na Educação Infantil trouxe desconforto, tanto para o ambiente escolar quanto para a sociedade. Ser homem num ambiente feminizado torna o exercício da profissão mais difícil pois precisa passar por um processo de aceitação, e a incorporação dessa ideia exige tempo até que deixe de ser uma novidade. O número de homens que atuam é muito baixo. Assim, muitos homens preferem cursar Pedagogia para exercer a profissão em áreas administrativas.

O que se vê é que a maioria dos docentes “foge” das salas e prefere dar aulas de educação física ou assumir cargos na gestão escolar, quando se está nas salas a presença masculina, muitas vezes é vista como disciplinadora, como se algumas crianças mais inquietas respeitassem mais a figura masculina, implicando que a mulher não teria essa função de disciplinar também (ROCHA, 2012, p. 8).

Essa visão superficial de trabalhos direcionados para homens e para mulheres cria o imaginário de cada profissão, sem que o homem se perceba excluído e viva, em busca de entender que o preconceito existe, cabendo aos profissionais do sexo masculino saber como enfrentar os desafios diversos contundentes.

5.3.2 Escola e família

A relação família e escola é outro dos grandes desafios para os docentes masculinos, pois ver um homem atuando, e associado a pedofilia e ao assédio sexual, para a sociedade a Educação Infantil, vai além de ensinar e cuidar, é

assistencialismo e, por isso, os homens não são hábeis para esta profissão. Sob o ponto de vista dos alunos, estes veem a figura masculina como figura paternal, uma espécie identidade para os meninos.

O professor (3) discute que a família passa a tarefa de educar para a escola, e exige o máximo potencial dos profissionais independente do sexo:

Hoje em dia a família deposita e exige da escola aquilo que deveria ser um exercício exclusivo dos pais, ou seja, a EDUCAÇÃO. Dessa forma sobrecarregam a escola com mais uma função além da parte pedagógica. Conseqüentemente os mesmos não disponibilizam sequer de tempo para acompanhar a vida escolar de seus filhos, seja ela em uma reunião de pais e mestres ou simplesmente em um convite para uma amostra pedagógica na unidade escolar. Devido a essa situação, ainda que a escola use da sua criatividade para criar um vínculo mais sólido entre escola e família, a tentativa se torna frustrante. Porém a escola não conhece a palavra desistir e assim ela segue firme nessa árdua tarefa. O desconforto e insegurança por parte dos pais e também do despreparo da gestão ao recepcionar e orientar um profissional que vai executar tal função.

O professor (2) ressalta que para não realizar o pré-conceito em relação ele, suas atividades são visíveis para todos, mostrando tudo que faz dentro para escola, assim a família se sente mais segura e gera a confiança no seu trabalho.

Eu tento nivelar a família e a escola, mostrar para os pais, ao todo, tudo que acontece dentro da escola e o período que a criança está conosco.

Assim, Araújo (2017) ao citar Ramos (2011) destaca que o homem passa por um processo de avaliação, da equipe escolar e da família, e que esse processo vai avaliá-lo quanto à aptidão para a docência, como se pode ler:

O homem passa por algumas etapas ao atuar com crianças, e chama esse processo de período probatório e comprobatório, ou seja, é preciso provar, tanto para equipe como para a comunidade, não só capacidade técnica, mas a habilidade para lidar com crianças e resolver as problemáticas relacionadas a elas (RAMOS, 2011, p. 113 apud ARAUJO, 2017, p. 13).

Passar por processo avaliatório, como um teste, é algo constrangedor, ter avaliada sua capacidade e habilidade, num ambiente voltado para negação da sua profissão, é desanimador, mas é o carinho, o amor e a afetividade que temos pela profissão e pelas crianças que nos fortalece. O pré-julgamento vem da família e da

sociedade, “o homem tem sua sexualidade colocada como duvidosa por ter escolhido tal profissão”, assim salienta Bernardim e Lira (2015, p. 90). Com isso vemos a desigualdade social e de gênero, a discriminação ao ver um homem atuando, gerando motivos de estranhamentos.

5.3.3 A importância da figura masculina na Educação Infantil

Ao tratarmos sobre preconceitos, estereótipos e olhares suspeitos, assim destacamos a importância dos homens na Educação Infantil. De acordo com professor (3), não há a diferença de gênero. O homem nessa etapa se destaca, dada a própria raridade de sua atuação, ressaltando que:

Primeiramente seria de mostrar que não há diferença no que diz respeito no ato de se transferir o conhecimento, que a arte de ensinar não se restringe, pois, educação é de todos e para todos. Então por que só mulher pode ensinar?

Do meu ponto de vista dentro da função que exerço enquanto monitor de creche escolar vejo que a figura masculina exerce o mesmo fascínio que o das mulheres nas crianças, onde a professora na maioria das vezes é confundida com a mãe, o professor homem também pode ser a figura que representa o pai. Ainda mais nos dias de hoje, onde as crianças têm um pai, porém não são tão presentes, seja por falta de tempo ou até mesmo por algum motivo judicial.

Sendo assim fica nítido a troca de carinho tomando-se mútua e espontânea. Mostrando que a prática pedagógica através do olhar do professor ou do tio da classe pode ganhar outros métodos para se transferir o conhecimento.

Para o professor (2):

É importante que a criança vem de casa com um olhar que espera, sente protegida e também acredito que a figura masculina passa essa sensação de proteção pra a criança, talvez pela postura, entonação de voz, características trazendo fortalecimento para nossa profissão, que não é só a “tia” que tem a figura de maternidade, o homem representando a figura paterna.

O professor (1) aponta que sempre haverá preconceitos, cabe a nós sabermos lidar com a situação, pois o amor que as crianças têm por ele faz com que se sintam fortes:

Quando ama o que se faz não tem preconceito que vença você, e o amor das crianças nos fortalece. Aprendo sempre com elas e é isso que me move a seguir em frente na minha carreira.

Mesmo com tantas barreiras, o importante é fazer a diferença nas salas de aula, desmistificando o pré-conceito estabelecido, e mostrar para sociedade que estão errados a nosso respeito.

Desse modo Silva (2014, p. 23) reitera que:

O trabalho do dia a dia de homens e mulheres em conjunto é que elabora essa profissão, como também à docência na Educação Infantil, não estando embasado em nenhuma estrutura de gênero, mas fazendo-se necessário a desconstrução de ideias erradas e críticas. Afinal, o universo cultural não tem funções pré-determinadas que coloquem o feminino e o masculino de maneira isolada (SILVA, 2014, p. 23).

Podemos dizer que não existe um padrão certo para cuidar, isso não faz homem menos homem ou a mulher mais mulher, “independentemente do gênero do professor, esse profissional atuará na Educação Infantil conforme sua capacidade, amor e dedicação” (SILVA, 2014, p. 23). Precisamos, pois, dar oportunidade para que os homens executem um bom trabalho. É dessa maneira que desconstruímos pré-conceitos de uma sociedade machista. A trajetória do homem é um caminho árduo de provações, pôr parte da família e da escola as quais lhe exigem mostrar suas aptidões e habilidades na Educação Infantil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos de prática pedagógica os problemas enfrentados são os mesmos tanto para professores quanto para professoras. A relação com a família, os problemas do cotidiano. O que podemos ressaltar seria que ao invés de focar no viés do preconceito sobre o homem na educação infantil, pudéssemos ressaltar o importante papel que a presença masculina exerce nessa faixa etária e etapa da escolarização.

A presença do homem na Educação infantil traz a representatividade, a identidade do pai para as crianças e, quando está em sala de aula se destaca no meio das professoras. A busca de novos olhares e jeito de pensar a educação, o encorajamento dos profissionais que atuam, vem desconstruindo o padrão que só a mulher pode promover o cuidado, e reconstruindo que independente do gênero, há formas diferentes de cuidar, e que aos poucos os homens vão ganhando seu espaço nas salas de aula. É relevante enfatizar que o homem passa por um período de provações nessas áreas e que a insegurança e o estranhamento por parte da família e dos professores é algo que incomoda os professores do sexo masculino, mesmo que os seus problemas e dificuldades sejam semelhantes aos das professoras, o pré-conceito existe.

Dessa forma, os profissionais do sexo masculino ao escolherem cursar Pedagogia sabem dos preconceitos que vão enfrentar e, com isso, eles estão abertos, à sugestões. Envolver a família e tornar suas aulas mais visíveis, para que criem a autonomia de trabalhar com as crianças. Mesmo dando a oportunidade para as famílias conhecerem esse professor homem, ainda prevalece a ideia da possibilidade de que ele possa assediar ou “abusar” das crianças. E passar por esse processo de aceitação, faz com que muitos homens desanimem e desistam da profissão, e acabam assumindo outros cargos e funções escolares.

Analisando os dados coletados, é importante enfatizar que os sujeitos entrevistados, são profissionais formados em Pedagogia, como qualquer outro profissional na área educacional. São profissionais que, hoje, conquistaram seus espaços e a confiança dos pais. Ser professor homem na Educação Infantil é uma trajetória de aceitações, de paciência e confiança no seu trabalho, porque nossas dificuldades e contextos são iguais aos de uma professora. Para a criança o

importante é ter um profissional que propicie atividades lúdicas, significativas que influenciem na aprendizagem efetiva.

A sociedade atual, ainda está rotulada por padrões e desigualdades sociais sendo que o homem e a mulher têm determinadas funções a seguir, o que para ambos os gêneros é alvo de olhares preconceituosos e discriminação e que para adentrar nos espaços precisam desconstruir não só papel do homem, mas também o da mulher na sociedade, desmistificando conceitos gerados “homem não pode cuidar de uma criança, porque é coisa de mulher” ou “mulher não pode trabalhar em uma obra de construção porque é coisa de homem”. As vozes de uma sociedade machista, não podem influenciar os profissionais que queremos ser.

Por meio desta pesquisa, podemos dizer o quanto este tema tem amplitude e abrangência. O contato com os professores homens entrevistados permitiu a este pesquisador iniciante a reflexão e análise sobre a temática e aprendemos a vê-la, ainda necessitada de muito debate e discussão. A conquista por espaço, a busca por adentrar no ambiente escolar não é uma tarefa fácil para os homens. Portanto, é importante discutir este tema nos meios acadêmicos e ampliar os olhares dos profissionais que estão se formando, pois o preconceito contra a presença masculina na Educação Infantil ainda é notório, e se estão atuando é por resistência e busca de oportunidades e igualdade social.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jânio Jorge Vieira de; SALES, Maria da Conceição da Silva; SILVA, Adriana Lima da. Homens na escola normal e a profissionalização docente para os anos iniciais do ensino fundamental de Teresina (PI): 1910 á 2000. 15f. *In: Fórum Internacional de Pedagogia – IV FIPEP*. Campina Grande: Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Campina Grande, 2012.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Currículos da Escola Normal Paulista (1846-1920):revendo uma trajetória. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v.76, n.184, p. 665-689, set./dez. 1995.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2009.
- ARAUJO, Suzana Medeiros Diniz. **A docência masculina: estado da arte e a realidade DF**. 2015. 69f. Trabalho de graduação (Graduação em pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ARAUJO, Tiago Santos de. **Vai ter professor-homem na educação infantil, sim! Rompendo paradigmas**. 2017. 59 f. Monografia (Pós-Graduação em Educação) – PUC-RIO, Rio de Janeiro. 2017.
- BARBOSA, Marcos Antônio. **Homem na Educação Infantil: bendito fruto entre as mulheres**. 2016. Trabalho de graduação (Graduação em pedagogia) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 23 mar. 2017
- BERNARDIM, Geovana de Paula; LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. O professor do gênero masculino na educação infantil com palavras de pais e professores. **POIÉSIS** – Revista do programa de Pós-graduação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, v. 9, n. 15, p. 80-97, jan./jun. 2015.
- CUNHA, Amélia Teresinha Brum da. **O magistério primário no Brasil e a presença feminina na profissão docente: o que mostram os documentos oficiais**. Universidade Federal de Pelotas, 2018. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/o-magisterio-primario-no-brasil-e-a->

presença-feminina-na-profissao-docente-o-que-mostram-os-documentos-oficiais. Acesso em: 25 mar. 2019.

CUNHA, Renata Cristina da; ARAÚJO, Lucélia Costa. Os homens na docência e a feminização do magistério. 2013. 14f. **Congresso Nacional de Educação EDUCARE**, Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

FERREIRA, Waldinei do Nascimento. **As relações de cuidado e de gênero presentes nos relatos de professores homens nas Unidades Municipais de Educação Infantil de Belo Horizonte**. 2017. 160f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2017.

FREIRE, Eleta de Carvalho. Mulher no magistério: umas histórias de embates entre espaço público e espaço privado. **Revista Lugares de Educação**. Bananeiras, v. 1, n. 2, p. 239-256, jul./dez. 2011.

GONÇALVES, Josiane Peres; FARIA, Adriana Horta; REIS, Maria das Graças Fernandes de Amorim. Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquista e preconceito. *In*: **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 988-1014, set./dez. 2016.

LINS, Beatriz Accioly. MACHADO, Bernardo Fonseca. ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LEÃO, Guilherme Inácio Marques. **A importância do gênero masculino nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2015. 100f. Trabalho de Graduação (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2015.

LIMA, Maria de Conceição; TAVARES, Sylvia de Melo Bandeira; ANDRADE, Márcio Valdecy de. A escola pelo magistério na Educação Infantil: o que dizem os estudantes homens do curso de pedagogia? *In*: **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 2, n. 1, p. 18-35, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós – estruturalista. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Editora Atlas S.A., 3. ed. São Paulo, 2012.

MONTEIRO, M.K.; ALTMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Caderno de Pesquisa**. v. 44, n. 153, São Paulo, jul./set. 2014.

OLIVEIRA, Ricardo da Cunha. Docência Masculina na Educação Infantil. *In*: **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 3, ed. 12, v. 1, p. 80-94, dez. 2018.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas series do ensino fundamental. *In: Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 943-954, out./dez., 2013.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, Antônio Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. *In: Congresso luso-brasileiro de história da educação*, 4., 2010, Uberlândia, Anais.

ROCHA, César Moreira. Homens podem ensinar crianças pequenas: experiência masculina de ensino nas etapas iniciais da educação básica. COPEDI 2012. **Relato de pesquisa**. Universidade estadual de Campinas, 2012.

SAFFIOTTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creches. 2005. 273 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis. 2005.

Silva, Ângela Cristina Gomes da. **Reflexões sobre o professor do sexo masculino na educação infantil**. 2014. 37f. Monografia em pedagogia - UREJ, São Gonçalo, 2014.

SILVA, Idélia Manassés de Barros. Elementos de contradição nas representações sociais do ser professora de educação infantil. In: MACHADO, Laêda Bezerra. **Incursões e Investigação em Representações Sociais e Educação**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SILVA, Walter Lúcio. **Homens que educam**: desafios do nosso tempo, 2013. 28f. Trabalho de graduação (Graduação em pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campo Grande – PB, 2013.

SOUSA, José Edilmar. Homem docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um centro de educação infantil. **37ª Reunião da ANPED 04 a 08 de outubro de 2015**, UFSC Florianópolis.

VELOSO, Luana Alves Porto e SILVA, Claudionor Renato da. Desafios do professor homem na educação infantil. **Revista eletrônica**, graduação/ pós-graduação em educação. UFG/REJ, vol. 14, n. 1, ano, 2018.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia da pesquisa**. Reimpressa, 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.